Dia 26 — São Zeferino, Papa e Mártir

Foi São Zeferino romano de nascimento, filho de Abúndio, e veio à luz do mundo por volta da metade do século II. Não se sabe coisa certa dos primeiros anos de sua idade; e tudo o que se pode dizer é que seus pais foram cristãos daqueles que honravam a religião com sua bondade, com sua retidão e com a irrepreensível pureza de seus costumes. Era Roma então não só o centro da fé, mas o modelo das virtudes e o teatro da generosidade cristã. Concorria-se a ela de todas as partes do mundo para admirar o prodigioso número de cristãos de todos os sexos, idades e condições que floresciam naquela capital do universo e para observar a excelência de suas virtudes, com o fim de aproveitar-se de seus exemplos. Por este elevado conceito que se fazia dos fiéis que viviam em Roma, podemos formar algum da eminente virtude e do extraordinário mérito de nosso santo; visto que, morto o papa São Víctor, o próprio Deus declarou com sinais visíveis e milagrosos que em todo o clero não havia outro mais digno que Zeferino para governar a Igreja.

Era imperador Severo, e não se havia visto em seu tempo nem mais aceso nem mais devorador o fogo da perseguição. Necessitava a Igreja, naquelas circunstâncias, de um papa tão generoso como santo. Onze dias havia que, unidos os fiéis com o clero, pediam-no continuamente a Deus com incessantes e fervorosas orações, quando o céu se declarou visivelmente em favor de Zeferino, descendo o Espírito Santo em figura de pomba sobre sua cabeça, onde repousou um breve espaço de tempo e logo desapareceu. Basta para elogio de seu mérito este sinal tão público de uma eleição tão especial e de um amor do céu tão distinguido, assim como bastou para unir em seu favor todos os votos. Foi, pois, nomeado sucessor de São Víctor no ano 202, com aplauso universal de todos os fiéis.

Conheceu-se logo o particular cuidado que Deus tinha de sua Igreja pela milagrosa eleição de São Zeferino para governá-la num tempo em que mais que nunca tinha necessidade de um papa santo. O primeiro ano de seu pontificado, e décimo do imperador Severo, foi pontualmente o mesmo em que aquele príncipe, que até então se havia mostrado tão favorável aos cristãos, publicou editos que excitaram contra a Igreja uma horrível perseguição. Então reconheceu o santo os altos desígnios da divina Providência em elevá-lo à cadeira pontifical durante aquela furiosa e desfeita tempestade. Não se espantou nem se acovardou. Seus primeiros pensamentos, por impulso de seu fervoroso zelo e de seu abrasado amor a Jesus Cristo, foram sair em público como bom pastor para derramar o sangue em defesa de seu rebanho e assinalar com o martírio os princípios de seu pontificado. Mas, refletindo que não se perdoaria ao rebanho pela morte do pastor e que, destituída de piloto a navezinha da Igreja, flutuaria mais à violência das encrespadas ondas, julgou que devia olhar por si para consolo de seus filhos. Mas nem por isso poupou cuidados, desvelos nem trabalhos para alentar os cristãos e para socorrê-los naquela pública desolação. Corria dia e noite as casas dos particulares; penetrava as cavernas e os lugares subterrâneos onde, pelo medo

da tempestade, se haviam refugiado os mais tímidos; animava-os com suas palavras, exortava-os com seus discursos, fortalecia-os com os sacramentos e sustentava-os com suas esmolas. Aos confessores alentava nos calabouços; acompanhava os mártires até os cadafalsos; e, desprezando generosamente os perigos, era pródigo de suas fadigas e de seu zelo. Enfim, depois de nove anos de perseguição, teve a consolação de ver restituída a paz à Igreja com a morte do imperador Severo. Aproveitou-se o santo pontífice maravilhosamente desta calma para manter na Igreja a pureza da fé contra os inimigos domésticos que a combatiam.

Nunca o faziam os hereges com maior violência do que nas tréguas ou naquelas calmas que lhes permitiam os gentios. Prosseguiam semeando seus erros certos teólogos que havia condenado o papa Víctor. Atacou-os São Zeferino com tanto brio e com tão esforçado vigor que mereceu a gloriosa nota com que o honraram os próprios hereges, de ser o primeiro que havia tido valor para defender contra eles a divindade de Jesus Cristo; e só por isto conta Santo Optato a nosso santo no número dos santos doutores que combateram contra as heresias.

Certo homem vão e atrevido, chamado Praxéias, de nascimento asiático, havia vindo a Roma no pontificado de São Víctor, predecessor de nosso santo, e a princípio se declarou contra os montanistas; mas o orgulho o precipitou a ele mesmo em muitos erros. Não reconhecia mais que uma só pessoa na Trindade; dizia que o Pai havia sido crucificado, pelo que a seus sectários se deu o nome de patripassianos; e enfim Praxéias se fez heresiarca. Não poupou o santo pontífice meio algum para tirá-lo daquele abismo de erros e de extravagâncias; convenceu-o, confundiu-o e converteu-o. Abjurou seus erros; recebeu-o com benignidade e restituiu-o ao grêmio da Igreja. Mas, como as cabeças de partido quase nunca se convertem de boa-fé, tendo passado Praxéias à África, reincidiu em seus desvarios e morreu infelizmente na heresia.

Mas outro sucesso mais ditoso consolou a nosso santo e lhe compensou aquela perda. Natal, ilustre confessor de Jesus Cristo, teve a fraqueza e a desgraça de fazer-se cabeça dos teodocianos, adotando sua heresia por um sórdido motivo de avareza. Não querendo render-se aos salutares conselhos nem aos convincentes argumentos do santo pontífice, foi rigorosamente castigado na noite seguinte por mão dos anjos. Como este castigo era efeito da misericórdia de Deus, que o queria salvar, fê-lo dócil. Mal amanheceu, quando, vestido de um saco e coberta de cinza a cabeça, foi Natal lançar-se aos pés de São Zeferino, interpondo os rogos e as instâncias dos fiéis para conseguir a graça de voltar à comunhão da Igreja. Depois que lhe fez purgar seu pecado por meio de uma salutar penitência e dar satisfação do escândalo aos fiéis, recebeu-o com benignidade; e o arrependido Natal, em testemunho de sua dor, abraçou com grande humildade os joelhos de todos os leigos, pedindo-lhes perdão do mau exemplo que lhes havia dado com sua infidelidade, e sendo sua perseverança a melhor prova da sinceridade de sua penitência.

Desagradou a Tertuliano uma indulgência tão conforme ao espírito de Jesus Cristo com os pecadores verdadeiramente arrependidos. Aquele gênio naturalmente austero e duro, cheio de própria estima, censurou altamente a suavíssima conduta daquele bom pastor que, como amoroso pai, usava do rigor quando o julgava necessário para o maior bem de seus filhos e lançava mão de uma prudente brandura quando a cria salutar. Afligiu sensivelmente o santo pastor e toda a Igreja a funesta queda daquela coluna dela. Deixando-se levar Tertuliano de sua genial excessiva severidade, efeito de seu orgulho, precipitou-se em erros muito grosseiros, defendendo-os com

pertinácia, e teve a desdita de morrer herege.

Publicou São Zeferino muitos decretos proveitosos para a disciplina eclesiástica. Proibiu que se consagrasse o preciosíssimo sangue de Jesus Cristo em cálices de madeira, como se fazia então pela extrema pobreza dos fiéis. Mandou que as ordenações dos ministros da Igreja se celebrassem em público, querendo que fosse notória a todos sua inocência e a pureza de costumes a toda prova. Ordenou que nenhum bispo pudesse ser julgado senão pelo sumo pontífice ou por autoridade subdelegada sua; que todos os fiéis comungassem na Páscoa; e que, sempre que celebrasse o bispo, se achassem presentes alguns presbíteros e alguns diáconos. Outros muitos decretos publicou o santo pastor, que acreditam sua atenção e vigilância, sua vasta compreensão, uma capacidade a quem nada se escondia e seu infatigável zelo sobre todas as diferentes necessidades da Igreja. Enfim, repleto de méritos e consumido de trabalhos, terminou sua santa vida, depois de dezoito anos de pontificado, com a coroa do martírio, no dia 26 de janeiro do ano 221, sendo imperador Antonino Heliogábalo. Seu corpo foi enterrado no cemitério de Calisto, na via Ápia, de onde depois se trasladou a uma das igrejas da cidade.

Martirológio Romano

Em Roma, São Zeferino, papa e mártir.

Na mesma cidade, São Ireneu e São Abúndio, mártires, os quais, por terem, no tempo da perseguição de Valeriano, tirado o corpo de Santa Concórdia de uma cloaca onde o haviam lançado, foram lançados na mesma cloaca. O presbítero Justino os tirou dali, e foram enterrados numa cripta perto de São Lourenço.

Em Ventimiglia, cidade da Ligúria, São Segundo, mártir, varão distinto e um dos chefes da legião Tebana.

Em Bérgamo, na Gália Cisalpina, São Alexandre, mártir, pertencente à dita legião, que, confessando com grande constância o nome de Jesus Cristo, acabou seu martírio por meio da degola.

No país dos Marsos, São Simplício e seus filhos São Constâncio e São Vitoriano, que, atormentados desde logo de diferentes maneiras sob o poder do imperador Antonino, alcançaram a coroa do martírio lavrada com os golpes da segur.

Em Nicomédia, o martírio de Santo Adriano, filho do imperador Probo, o qual, lançando em rosto a Licínio a perseguição suscitada contra os cristãos, foi condenado à morte por sua ordem. Domício, bispo de Bizâncio, tio seu paterno, enterrou seu corpo em Argirópolis.

Na Espanha, São Víctor, morto pelos mouros em ódio à religião de Jesus Cristo.

Em Cápua, São Rufino, bispo e confessor.

Em Pistoia, São Félix, presbítero e confessor.

Em Lima, no reino do Peru, Santa Rosa de Santa Maria, virgem, da Ordem Terceira de São Domingos. Em Poitiers, São Gelásio, bispo.

Em Nevers, São Eulálio, bispo.

Em Auxerre, o trânsito de São Eleutério, bispo.

Em Le Mans, Santa Tenestina, virgem, primeira religiosa da abadia do Pré.

Entre os gregos, Santo Ibístio, confessor.

Na Tebaida, São Títoes, segundo superior dos religiosos de São Pacômio.

Em Cambridge, na Inglaterra, Santa Pandwina, virgem.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Zephyrini, martyris tui atque pontificis, cujus gaudemus meritis, instruamur exemplis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, ao mesmo tempo que celebramos os merecimentos de vosso bem-aventurado mártir e pontífice São Zeferino, nos aproveitemos de seus exemplos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** [3] Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, [4] qui consolatur nos in omni

> tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt, per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. [5] Quoniam sicut abundant passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. [6] Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : [7] ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: [3] Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, [4] o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem nós somos confortados de Deos. [5] Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. [6] Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: [7] para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Nota

«Esta segunda epístola de São Paulo aos Coríntios é como apêndice ou suplemento da primeira. Escreveu-a na Macedônia, pouco depois desta e alguns meses antes que escrevesse a epístola aos Romanos...»

Reflexões

Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de todo consolo.

As vãs e passageiras alegrias podem nascer em nós de tantos princípios quantos são os objetos em que colocam sua satisfação nossas paixões; mas o verdadeiro e sólido consolo não tem outro princípio que Deus; tudo nasce dele unicamente; por isso é puro, tranquilo e pleno, ao passo que os demais, que se derivam das criaturas, são mistos, inquietos e não satisfazem; antes, em vez de apagar a sede, a acendem mais. O mesmo Deus que consola é o que perdoa; e consola-nos plenamente depois de nos haver perdoado. Deus é meu Pai e Pai das misericórdias; logo necessariamente há de ser para mim um Deus de todo consolo, enquanto eu não puser estorvo a sua bondade. É Deus de todo consolo; e isto quer dizer que não há consolo fora dele. É erro buscá-lo em outra parte; pois fora de Deus só se encontram cuidados inúteis, inquietações, pesadumes e amarguras. Consolam-nos os amigos; mas todos os seus consolos não chegam ao coração; e este é

o único que tem necessidade de consolo, porque nele reside a tristeza. Consolam-nos os entretenimentos, as diversões e os prazeres; mas todo o seu consolo não passa dos sentidos. Entre este tumulto de embevecimentos superficiais, em meio a todos esses exteriores divertimentos, está o coração despedaçado com cruéis amarguras. Enfim, as criaturas nos consolam, mas seus consolos são totalmente forasteiros a um pobre coração atribulado. Bom Deus! Quando quererá o coração humano compreender uma verdade que está experimentando cada dia? É muito próprio do estado e muito vantajoso ao cristão o padecer; mas não é menos próprio da bondade de Deus o sustentar e consolar o cristão em seus trabalhos. Se não experimentamos os efeitos desta divina bondade, é porque nos fazemos indignos dela. Tenhamos nela uma inteira confiança, e experimentaremos seus doces efeitos. É o Senhor Deus de todo consolo; e homens de todo consolo deveriam ser seus ministros. Em seu peito devem os fiéis derramar seu coração e achar nele alívio para todas as suas tribulações. Nem a dureza, nem a severidade, nem o excessivo rigor, que só servem para desesperar o pecador e para desterrar dele toda confiança, são o caráter dos verdadeiros ministros de Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus, e o mesmo do dia II, pág. 32.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** 24 Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. 25 Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 26 Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? 27 Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: 24 Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. 25 Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. 26 Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? 27 Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Primeiro ponto

Considera se tens algum negócio que te importe mais, se o tens de maior consequência, nem é possível que tenhas outro em que te interesses tanto como no negócio de tua salvação.

Não se trata agora de perder ou de ganhar um pleito em que se atravessa toda a tua fortuna temporal; tampouco se trata de ser feliz ou desgraçado por toda a vida; um negócio como esse seria muito importante na verdade, mas afinal não seria de infinita consequência. Ser sempre desgraçado, padecer até a morte, seria grande desdita; mas ao cabo não seria sem recurso. Trata-se agora de uma felicidade ou de uma infelicidade eterna; trata-se de possuir a Deus eternamente na mansão dos bem-aventurados ou de ser precipitado nos infernos e condenado, sem esperança de remédio, às chamas sempiternas. Disto se trata quando se fala do negócio da salvação. Pergunto agora: tem alguma consequência, merece-nos algum cuidado, alguma atenção este importante negócio?

Ah, que afinal se acaba a vida! E de que serve na morte ter sido rico, poderoso, afortunado segundo a ideia do mundo? Chega a morte, e com a morte tudo nos foge, tudo se nos desvanece; a vida mais longa e mais ditosa se nos representa como um sonho. Chega a morte; e na morte a nobreza, as dignidades, os empregos, as honras, tudo se exala como fumaça; todos são títulos que desaparecem no ar. Mas que sorte me espera? Se me salvo, isto só me compensa bem a perda de tudo o mais; mas, se me condeno, se o inferno vai ser minha sempiterna morada, se passo da cama ao fogo eterno, quem me consolará em minha desditosa sorte? Quem me compensará esta perda? E uma perda que foi obra de minhas mãos, uma perda que é sem recurso, que não admite remédio!

E é possível que se pense no negócio da salvação a sangue-frio! É possível que se nos passe dia algum sem trabalhar neste negócio! É possível que talvez façamos estas reflexões e nem por isso tenhamos mais juízo!

Ó meu Deus, e como choro minha cegueira e meu erro! Passaram-se já a maior parte de meus dias, e talvez não comecei a trabalhar neste negócio. Que não mereceria eu se dilato um só dia o dedicar-me a trabalhar nele?

Segundo ponto

Considera de que servem agora àqueles ricos que se condenaram o haverem gozado grossas rendas, haverem tido grandes títulos, haverem desfrutado formosas e dilatadas possessões. Que equivalente pode haver ao perder-se eternamente? Perdi o céu, perdi a Deus; pois tudo perdi, e o perdi sem remédio.

Ah, e quanto ganharam tantos milhões de mártires em haver perdido a vida por Jesus Cristo! Um suplício de poucos minutos e, no máximo, de alguns dias; mas demos que fossem os maiores tormentos e que durassem por muitos anos: que proporção têm todos os trabalhos da vida presente com a glória vindoura? Poder-se-á nunca comprar a preço excessivo a posse e a felicidade do mesmo Deus? Oh, Senhor, que prudentes, que discretos foram aqueles santos, aquelas almas penitentes e mortificadas que tudo sacrificaram por salvar-se! Grandes do mundo, ditosos do século, vossas máximas, vossa conduta no negócio da salvação, acreditam-vos muito de discretos e de prudentes?

Papa era São Zeferino; e, logo que se viu sobre a primeira cadeira da Igreja, todas as suas ânsias foram derramar o sangue por Jesus Cristo. E a quem jamais lhe passou pelo pensamento lastimar-se de sua sorte? Encontrou, enfim, a coroa do martírio, depois de ter suspirado tanto por ela. Ah, que o perder a vida por Jesus Cristo é verdadeiramente achá-la! E quão pouco lhes doem seus próprios, seus verdadeiros interesses a aquelas pobres pessoas que passam uma vida entregue aos deleites, às diversões, à delicadeza e ao regalo!

O rico avarento é sepultado nos infernos, enquanto Lázaro, o leproso, passa do hospital à glória. Por mais pobre, desconhecido e desprezado que tenhas vivido, se te salvaste, lavraste tua fortuna. A salvação vale por tudo; e sem ela a mais alta fortuna nada vale.

Custei-vos eu muito, divino Salvador meu, para que me deixeis perder. Confesso com a mais viva dor que o tenho bem merecido e que é inevitável minha perda se daqui por diante não me aplico mais do que me tenho aplicado até aqui a trabalhar no negócio de minha salvação. Mas já se acabou, e meu partido está tomado; desde este momento será minha salvação todo o objeto de meus cuidados, de minhas ânsias e de minha contínua aplicação. Este é meu único negócio, e de hoje em diante não quero ocupar-me em outro; nem, falando com rigor, há outro que mereça este nome ou que seja digno de todos os meus desvelos.

Jaculatórias

> *Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Mt 16.

De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro se perde sua alma?

> *Quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Mt 16.

Que preço equivalerá à perda da alma?

Propósitos

1. Renova cada dia estas jaculatórias na oração da manhã e repete muitas vezes, especialmente quando te exercitas em teu ofício, quando empreendes algum negócio ou quando dás princípio a alguma obra: *Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Que me servirá isto que vou fazer para minha salvação? É prática muito útil e convém a todo gênero de pessoas.

2. Impõe-te uma inviolável lei de ter um dia de retiro cada mês. Ao cabo do mês não é mais que um dia; e quem se poderá racionalmente negar a dedicar em todo o mês um só dia unicamente ao negócio da salvação, que só ele deveria ocupar toda a vida? Acha-se tempo para os negócios temporais, para as diversões e para os amigos; será possível que nunca nos falte senão para a salvação de nossa alma! Quase toda a vida se passa em ajustar contas, em examinar livros, em aumentar fundos e em perceber rendas; será muito dedicar um só dia ao mês a examinar as contas que havemos de dar a Deus, o estado de nossa consciência, o uso e o que produzem os talentos recebidos e os meios de reparar as quebras espirituais que se padeceram? Bem se pode assegurar que desta prática depende a perseverança e a salvação de muitas almas.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:51 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:51 by Admin